Saga de uma alma

Vol. 3

O médium

Revisão: Ronaldo Trentini

Diagramação: J. Gentil Meneghim

Capa: J. Gentil Meneghim

Copyright© 2014 by

J. Gentil Meneghim

J. Gentil Meneghim

Saga de uma Alma

Volume 3

O Médium

FICHA CATALOGRÁFICA

Meneghim, J. Gentil.
Saga de uma alma, vol. 3, O médium, 2014 / J. Gentil Meneghim – Piracicaba/SP, 2014
223f.: 14,8x21cm

Literatura – Série
Clube de Autores, 2014

1. Espiritismo. 2. Aventura. I. Título. II. Série

CDU -

Esta é uma obra de ficção.

Qualquer semelhança com fatos ou pessoas

terá sido mera coincidência.

Correspondência:

gentil_meneghim@hotmail.com

Às outras mulheres da minha vida:

Clarina Fasanaro & Sandra Carnio

1. Prólogo

João, desencarnado por um acidente provocado pelo parceiro de negócios, Paulo, está no Limbo, uma região interdimensional onde ficam os espíritos de pessoas mortas que ainda não podem chegar a um nível superior, onde desenvolvem suas obrigações os espíritos de luz.

Nessa região, ele participa de uma equipe de espíritos, todos com atuação pouco elogiável durante a última vida na Terra, e é onde têm a oportunidade de se vingar dos que os prejudicaram na anterior encarnação, mas também possuem uma consciência, que lhes permite escolher o próprio caminho.

Há duas alternativas: arrepender-se, e buscar a escola de reencarnação, onde poderão planejar como gostariam que fosse a próxima vida, ou deliberadamente aceitar as condições que lhes são impostas pelos mais evoluídos, vivendo uma vida onde irão colher os resultados dos atos cometidos em vidas anteriores.

Tanto João quanto seus amigos ainda não se sentem preparados. Num primeiro momento, porque não conseguem se arrepender de atos que não consideram, ainda, errados, em virtude da necessidade por que passaram na vida que viveram, e também porque consideram – ou julgam – que a sua é a mais correta justiça, que seus antigos inimigos lhes devem essa retaliação, que conseguem através dos poderes adquiridos na condição de espíritos.

Podem influenciar, podem hipnotizar, podem se teleportar sem precisar dos meios mecânicos que os encarnados utilizam, podem ver a exalação ectoplásmica onde os encarnados mostram suas emoções e até criam imagens através do pensamento, e conseguem ainda o dom da telepatia, que lhes permite entrar em contato tanto com os parceiros da equipe quanto com os ainda encarnados, para descobri-los estejam onde estiverem.

Ainda não conseguem, é claro, dominar totalmente os encarnados, porque estes possuem a condição da escolha. Podem ou não aceitar suas sugestões, embora

quem esteja encarnado não saiba quando pensa por conta própria ou quando é sugestionado a fazer o que é comandado.

Mesmo entre eles próprios não lhes é dado comandar. André, por exemplo, arrependeu-se ao reencontrar a mulher que amava e que estava enredada com drogas e prostituição. Ao vê-la, quem falou mais alto foi o coração, e resolveu que iria resgatá-la do submundo em que vivia. Com seu arrependimento, automaticamente foi resgatado pelos espíritos de luz, que sempre estão atentos a todos e a todas as circunstâncias, e acabou por tomar uma resolução que o tiraria do Limbo, mas o levaria a uma vida de sacrifícios: reencarnado novamente: teria que cuidar de Melissa, que nasceria como sua irmã, em condições mentais inferiores à normalidade e com toda espécie de dificuldades, até que pudesse reestabelecer seu perispírito a uma nova incursão no meio terrestre, entre os que se dizem vivos.

E renasceu, agora sendo denominado Gabriel, na família do seu algoz, o amigo que o prejudicou, que o fez perder todas as conquistas de sua última vida no planeta e que agora é seu pai.

Para os outros, encontrados na equipe em que estava, os acontecimentos ainda se desenrolavam normalmente. Cada um tinha sua obrigação, cada um podia ainda exercer as atividades de vingança, cada um

podia ainda resolver como se desenvolveria o próprio carma.

Afinal, desde que uma consciência desponta o único caminho que existe é a eternidade...

2.Revendo Paulo

Os encarnados não resolvem seus problemas facilmente. Se transgredirem, buscam explicações para seus atos que os livrem das sanções. Se tiverem razão, buscam os maiores rigores que suas leis tribais lhes permitem para punir os adversários.

Era isso o que eu estava vendo com as transgressões de Paulo. Eu já tinha utilizado todos os meus esforços para que ele respondesse por todas as ações desonestas que havia cometido em sua vida, e mesmo assim estava dependendo de uma série imensa de burocracia para que ele fosse, finalmente, acusado e condenado. Tanto trabalho que tivera, e estava

dependendo de funcionários públicos displicentes, de análises pífias feitas por outros incapacitados e mesmo assim nomeados para cargos relevantes, de vontades políticas para levar o processo adiante...

Meu único consolo é que estava vivendo um pedaço da eternidade que se abre sempre à frente. Já que sei que não vou mais morrer e que estarei sempre indo e voltando do planeta, e sei que terei muitas oportunidades, tanto para resolver os problemas quanto para me redimir de erros e falhas cometidos.

De um único fato estou certo: não tenho por que me arrepender!

Tudo que eu tinha me foi arrancado, com a vida que Paulo interrompeu. Minha raiva, minhas frustrações que se transformaram em ódio, minhas emoções mais instintivas contra a atitude dele acabaram se transformando em uma profunda mágoa pelo que ele fez. Sempre fomos amigos, sempre estivemos juntos, e sua ambição o transformou num juiz e carrasco.

Mas, para mim surgira a oportunidade de saber que tudo o que conseguimos na vida encarnada acaba ficando por lá, e que podemos ser muito mais, podemos criar um poder maior do que dinheiro, bens... São fantasias que influenciam e causam sentimentos os mais baixos possíveis, como inveja e ciúme entre nossos amigos encarnados.

A vida de um encarnado sempre acaba no convencional: um buraco na terra, ou mais atualmente, uma câmara cimentada ou uma grelha onde nos transformamos em cinzas, quando o que se julgava poderoso permanece inutilmente, enquanto o que ele é, realmente, está trilhando outros caminhos. A maioria, no entanto, não pensa a não ser no momentâneo, naquilo que pode lhe gerar vantagens ou lucros, e é isso que acaba criando tantos problemas entre os homens.

Paulo ainda estava levando sua vida na chácara disponibilizada por Suzana, sua ex-mulher. Vivia numa constante depressão, sempre angustiado, e seus sentimentos eram provocados tanto pelo remorso, quando se lembrava do que havia provocado, quanto pela injustiça de que se sentia acometido. Era um poço de controvérsias que surgia à minha frente, não o Paulo que conheci e que não media esforços para conseguir dominar tudo e todos.

Ao seu lado estava um sugador de energia. Ele nem pressentia o espírito que o acompanhava, dado seu estado de ânimo, mas pude perceber que não conseguia encontrar motivação para continuar a própria vida: o sugador estava exaurindo suas forças. Conseguira encontrar um meio de burlar a proteção espiritual criada pela aura de Suzana, e ali permanecia, ao lado de Paulo.

Eu o acompanho constantemente. Não consigo atinar se sinto pena ou desprezo por ele. Entretanto, tal como Josias para Marcos, não consigo pensar que possa rejeitar Paulo no dia em que ele, infalivelmente, estiver por aqui.

Marcos, ao longo de toda a trajetória da vingança feita contra Josias, se sentia muito bem. Via que estava conseguindo que Josias sentisse na pele o que havia provocado, mas quando o percebeu numa cadeira de rodas, cuidado pelo parente distante, acabou por sentir-se mal consigo próprio. Tanto que, quando Josias estava abandonando o corpo, sentiu-se aflito querendo acompanhá-lo no desenlace, buscando resgatá-lo para seu próprio ambiente, o Limbo onde estamos, sem querer perder o contato com aquele que ainda considerava amigo.

E eu acabo pensando que sinto pena de Paulo. Não, não vou ficar arrependido das influências que criei para que ele fosse prejudicado, eu não o prejudiquei. Eu o alertei, e é isso que faz de mim o que sou, o que fui para ele: um obsessor que o encaminhou para encarar suas próprias culpas.

Paulo foi muito além do que eu imaginava que eu próprio fosse. Ele se perdeu pelo desejo de poder e de dinheiro. Embora não querendo, sinto pena dele, e sei que, dentro de mim, o tenho como irmão, eu amo Paulo

como meu irmão, o que ele realmente é, como parte do meu processo evolutivo.

Assim, quando o vejo cabisbaixo, ainda na chácara cedida por Suzana, acabo ficando penalizado. Mais ainda percebendo a presença de um obsessor como aquele, constantemente sugando toda a energia que ele exala e perturbando qualquer pensamento que tenha de enfrentamento da situação.

A melhor reviravolta que posso conceber é deixá-lo, buscar outros lugares e outras pessoas, senão ele vai me fazer compadecido, e isso, definitivamente, não quero!

Suzana, como ela mesma havia definido, não foi visitá-lo nenhuma vez. E estava correta em sua opção: quando ele estivesse se resolvido, que fosse visitar os filhos. E até aquele momento Paulo não havia criado a coragem necessária para rever os meninos, não sabia como encará-los sem mentir, sabia os filhos que tinha e como eram espertos o suficiente para entender que algo andava errado.

Dos filhos, aliás, Suzana cuidava primorosamente. Ela também sabia que eles eram especiais, muito mais do que o ex-marido, pois vivia em constante contato com eles. Não tinha ideia nem do que significava o que se convencionou chamar de “índigos”, mesmo porque era só uma palavra, mas seus filhos lhe mostravam cotidianamente que eram especiais. Sua concepção da

vida e seu conhecimento de espiritualismo mostravam isso claramente e tinha como missão não deixar que se desviassem do rumo que, para ela, eles próprios tinham traçado para as vidas que viviam.

E ela agia junto a eles para que pudessem se manifestar.

Deixei Paulo. Seu sofrimento chegava a me doer. E eu não quero que minha vingança se volte contra mim. Se eu ficar me envolvendo com sua aura, tão carente de energias que façam ele se aprumar, vou estar dispendendo minhas próprias energias.

Foi ele que armou o que armou, então que resolva seus próprios problemas. Eu sei que tenho que acompanhar tudo o que o envolve, claro que sei disso! Fui eu o causador da avalanche que se abateu sobre ele e é de minha responsabilidade o acompanhamento.

Retornei ao Limbo e procurei o Mentor. Expliquei-lhe a situação: pelo menos era necessário que tirássemos de lá o sugador de energia. Assim ele teria uma chance de analisar melhor o que lhe ocorria, poderia pensar mais livremente.

– É o melhor a fazer, acredito. – disse-lhe.

– Não se preocupe, João, já vou encaminhar os milicianos até a chácara. Faz parte do trabalho deles e,

como você sabe, estamos prendendo todos os desgarrados.

Os milicianos a quem ele se referia eram Bartolo, Mateus e Tomé, encarregados, em nossa equipe, de prender os seres abismais, os trevosos, como os chamávamos, e levá-los ao Abismo, de onde só sairiam quando os inferiores fossem levados para um planeta inferior onde, conforme o Mentor, teriam que reencarnar inúmeras vezes até que conseguissem sanar todas as falhas do passado.

O olhar que o Mentor me dirigiu não escondeu seus pensamentos. Ele sabia que eu relutava contra o arrependimento pelos meus atos sobre Paulo, mas a reação foi positiva ao perceber que algo despontava em mim: a solidariedade por outro ser humano, fosse espírito ou encarnado e que, mesmo sendo inimigo, procurava ajudá-lo.

3. Novas encarnações

Ainda no Limbo procurei Marcos e Matias.

Ambos estavam acompanhados por Josias, que não os abandonava desde que despertara de seu desencarne. Marcos procurava, nesses últimos tempos, colocar Josias a par de nossas atividades, de nossos objetivos enquanto estivéssemos no Limbo, mas este não aceitava muito bem as propostas.

A seu ver, já tinha passado na última vida o que deveria e buscava um novo caminho, talvez um novo começo. Mostrava-se um sujeito muito objetivo, sua aura o demonstrava. Era muito mais ampla a coloração que lhe